



ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

Ad Veritatem

Discurso de posse de Humberto Schubert Coelho

Distintas senhoras, distintos senhores,

Tomo agora posse da cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Filosofia, no ano em que se celebrará o ducentésimo aniversário da nossa nação. Pesa sobre os meus ombros, portanto, a medalha que simboliza o compromisso com a filosofia, com o pensamento crítico e a busca da sabedoria, mas também pesa gravemente a fita verde-amarela que simboliza o compromisso com o país e o povo brasileiro.

Hoje, o estado da filosofia no Brasil não difere muito do de outros centros culturais. Os desafios são os mesmos, porque globais, sistêmicos e, antes disso, universais. Derivam da natureza humana, daquelas preocupações fundantes identificadas por todos os pensadores. É preciso, contudo, que os problemas sejam pensados conforme suas nuances locais e contextos, e as soluções propostas levem em conta as reais condições de possibilidade da educação, do debate público, e do grau de ilustração da mídia. É por essa razão que, embora humanos e universais, seria ingênuo sonhar com transposições pensadas e amadurecidas em diferentes contextos culturais.

São basicamente 4 os problemas centrais que se nos impõem como os grandes desafios civilizacionais do nosso tempo:

1. Aclarar, enfatizar e investigar seriamente os valores e os princípios ético-morais capazes de mitigar o estado anormal de sofrimento, injustiça, corrupção e crueldade da nossa sociedade. Muito mais que outras, a sociedade brasileira exige um investimento colossal, um projeto nacional de fomento da ética pública, sem o que o estado de coisas presente, vil e torpe, jamais será transformado por soluções materiais, econômicas ou legais. Em outras palavras, a indignância moral do nosso povo não será mitigada à canetada, ou por força do grito de ativistas; precisamos gestar alternativas sérias à altura da complexidade do problema. Espera-se o salvador da pátria desde a fundação da república, mas é unicamente através da consciência moral e correspondente comportamento ético que o bem-estar se realizará.
2. Promover a aquisição e produção de conhecimento. Novamente, soluções materiais podem ajudar, mas não estão à altura da necessidade intelectual e espiritual de fazer brotar no povo brasileiro o amor à ciência, ao saber, sempre no singular, pois correspondente à verdade da vida e do ser. Para combater a superstição, a falsidade, as meias verdades interesseiras ou preguiçosas, e que tanto dano causam à sociedade brasileira, o aprofundamento da nossa meditação sobre ciência deve ombrear com uma muito mais séria meditação sobre a educação, para que iniciativas práticas possam, enfim, arrancar-nos do nosso doloroso e voluntário atraso intelectual.

3. Resgatar, valorizar, compreender e estimular a contemplação da beleza, do sublime, do que é intrinsecamente digno e elevado em termos estéticos. Por tempo demais temos negligenciado a tarefa de propor e estimular as artes em favor de uma abordagem meramente descritiva que pouco contribui seja com a atividade artística seja com a sociedade, e torna o filósofo da arte um crítico. Conquanto o papel do crítico de arte seja fundamental, esse não é o do filósofo. Não nos enganemos aqui, o filósofo é aquele que flerta com a verdade e convive com a sabedoria. Diante da arte, o seu papel é ativo e poucos ambientes têm mais carência de beleza, elevação, sublimidade, gentileza, graça e pujança do que o do cenário artístico contemporâneo.
4. Por fim, mas não menos importante, cabe aos filósofos contemporâneos aclararem a ligação entre o fundamento metafísico das coisas e o seu propósito, uma vez que sem fundamento metafísico os horizontes existenciais jazem sobre a areia movediça do relativismo e ao homem só restam duas alternativas: a de aceitar a vida banal, medíocre e infeliz da falta de sentido, e a alternativa do suicídio. Para combater essas conclusões lógicas inevitáveis do niilismo, a sociedade precisa voltar a falar mais seriamente de metafísica, de metafísica popular, inclusive, palatável ao cidadão comum.

Se, no entanto, nossos desafios são tremendos, é por ignorância que tantos creem não termos o que comemorar. A cultura brasileira produziu, por exemplo, Machado de Assis. E se aí tivesse terminado, sem outro fruto, já seria eterna, inesquecível, especial. A história de algumas civilizações do passado, mais celebradas e enaltecidas que a brasileira, não produziram nada próximo de um Machado de Assis. E como se fosse pouco ter chegado a esse ponto, o espírito brasileiro também deu ao mundo Castro Alves, Carlos Drummond, João Guimarães Rosa, Érico Veríssimo. A lista é grande demais para que tomemos o tempo deste auditório, e cada um já pode resgatar na imaginação as cenas mais caras, os deleites nostálgicos da infância, da juventude, da época de formação e lustro do cultural, quando a palavra fácil e penetrante dos grandes escritores brasileiros ajudou a construir a pessoa que ela ou ele é.

Nossa música produziu Carlos Gomes e Heitor Villa-Lobos. Na esfera popular, temos dúzias de nomes que mereceriam menção, e cujas composições nos vêm fácil à mente. Sempre fomos um país de exímios e respeitáveis diplomatas, engenheiros, médicos, militares, juristas, artistas, filantropos, religiosos, e até mesmo políticos e estadistas.

Quem poderia alegar seriamente que o Brasil não produziu pensadores, que o seu pensamento não é próprio, original, pujante, interessante e autoconsciente, ainda que não tivéssemos efetivamente, como supõem alguns, produzido grandes filósofos? Quem poderia negar que o pensamento brasileiro inclui em si generosas porções de reflexão filosófica, preocupações morais, existenciais, metafísicas até, nas páginas de figuras que vão de Antônio Vieira a Rui Barbosa, de Monteiro Lobato a Cecília Meireles, de Joaquim Nabuco a Augusto dos Anjos, de Cora Coralina a Bezerra de Menezes?

Fazemos referência à estatura intelectual, espiritual desses grandes nomes, sem contudo recair na insanidade atual de conceder o título de filósofo a todo e qualquer escritor, de celebridades da oratória, passando por jornalistas a ensaístas que tangenciam questões filosóficas. Não, o lustro cultural e a densidade do pensamento não caracterizam por si só a atividade filosófica. Apenas constatamos que a vida mental brasileira não das mais monótonas e simplórias.

E essa observação preliminar não significa, por outro lado, que não tenhamos filósofos, ou que não tenham realizado coisas à altura dos nossos merecidamente reverenciados poetas e romancistas. Eles tão somente não são celebrados, reconhecidos e respeitados como merecem.

Na nossa obsessão com o estrangeirismo, nossos pensadores mais originais são negligenciados em detrimento de exegeses de, simplesmente todos os pensadores estrangeiros, como se o menor deles merecesse um fiel séquito e uma sociedade brasileira com seu nome, ao passo que toda a filosofia brasileira, aos olhos desses mesmos entusiastas dos menores comentadores estrangeiros, merece ser esquecida ou ignorada. Temos como que uma obrigação de tudo saber sobre todo e qualquer escritor estrangeiro, ao passo que eles próprios na maioria das vezes ignoram completamente dúzias de outros, e alcançam a originalidade e a independência mental justamente concentrando-se sobre problemas, e não sobre biografias e exegeses apologéticas de um ou outro livro.

É por demais evidente que a genialidade de Schelling estava em fazer leitura completamente nova e única do neoplatonismo, o mérito de Brentano foi enxergar em Aristóteles exatamente o que ninguém jamais havia enxergado, e Heidegger é famoso exatamente por não apresentar os autores em seus próprios termos, ressignificando-os. Em relação a Wittgenstein ou Russel, por exemplo, é até muito difícil mapear quais exatamente seriam as influências filosóficas determinantes, pois alguns trabalhos apresentam novos temas e abordagens quase como que surgidos do nada. Por quais razões, então, pretendemos entender Heidegger em seus termos, ou fazemos leitura histórica dos grandes filósofos analíticos, ou tentamos enquadrar um pensamento dinâmico como o de Bergson na clausura da fotografia histórica? Não seria este método antes a garantia de jamais produzirmos filosofia própria, séria e universal?

É por esta razão, talvez, que não quase não temos estudos sobre Sócrates. Afinal, o filósofo supremo não pode ser objeto de exegese textual. Obriga o pesquisador a suprir a carência de fontes com o entendimento e a compreensão da índole, da postura, dos propósitos, motivos e métodos, enfim, tudo aquilo que não interessa ao pesquisador brasileiro. Só a letra interessa.

Ao lado dessa postura exegética e encomiástica em relação aos estrangeiros pesa sobre a nossa formação um silêncio voluntário sobre as obras originais produzidas no Brasil. Uma das desculpas típicas para esse descaso é a de que tais obras seriam obscuras, e produto de autores obscuros.

Antônio Diogo de Feijó, regente do Brasil, escreveu o primeiro tratado brasileiro sobre a filosofia de Kant. Não é, portanto, pela falta de fama do autor que essa importante contribuição passou quase esquecida.

Por volta da mesma época escreveu em terras brasileiras um dos maiores pensadores portugueses: Silvestre Pinheiro Ferreira.

Gonçalves de Magalhães ilustrou-nos com os Fatos do espírito humano, que já não era resumo do que se pensava na Europa, tirando conclusões próprias e originais. Pouco depois, o gênio sergipano, Tobias Barreto, ajuda a reconfigurar a escola de Recife e dá luz à apropriação brasileira do pensamento universal, lançando as bases para a visão culturalista.

Do interior do Ceará, brilhou Raymundo Farias Brito com sua abordagem ao mesmo tempo realista e espiritualista da consciência.

De São Paulo, Miguel Reale traça condições mais firmes para estruturação do direito, e leva ao ápice o pensamento crítico em seu Verdade e Conjectura.

Com a fundação da Universidade de São Paulo, a meditação brasileira adensa e se qualifica.

Antônio Paim, da Bahia, percebe com inigualável perspicácia a necessidade de contar a história da evolução das ideias no Brasil, o que faz de maneira pormenorizada e filosófica. Como resultado, temos não apenas a historiografia como também a filosofia da história que viabiliza a compreensão do percurso do espírito brasileiro no tempo. Paim também advoga em favor de um liberalismo de cara brasileira, entendendo que a gênese dos problemas sociais e morais do país teria íntima relação com autoritarismo.

Na mesma época, repercute fortemente a atuação do eruditíssimo padre Henrique de Lima Vaz junto a movimentos sociais de inspiração revolucionária. Rechaçando os traços materialistas do marxismo, Lima Vaz considera fundamental que o pensamento filosófico e religioso brasileiro encarem de frente o drama da pobreza e das injustiças que a provocam. Paralelamente, elabora concepção antropológica original que reconhece a dimensão espiritual do ser humano, e propõe sofisticadas conciliações metafísicas entre o tomismo e o pensamento de Hegel.

Este mínimo panorama histórico da filosofia brasileira deixa certamente de fora um número indecentemente grande de autores. Para citar apenas mais um, Jorge Jaime, recomendamos a leitura da ampla coletânea de filósofos brasileiros: História da filosofia no Brasil. Neste livro, os interessados encontrarão um mapa minucioso e abrangente de contribuições que, se não disseram nada específico sobre as ideias brasileiras, foram, não obstante, florações nossas sobre o kantismo, a fenomenologia, o existencialismo, a ética ou a lógica.

Com a retomada democrática, na década de 1980, a filosofia brasileira foi erroneamente associada a algum tipo de nacionalismo, e a reflexão sobre a produção filosófica

brasileira, bem como a autocompreensão do Brasil mental, experimentaram relativo ocaso ao longo de duas décadas ou pouco mais. Contudo, nos últimos quinze anos, aproximadamente, a produção nesse campo voltou a crescer e se diversificar acompanhando o aumento dos programas de pós-graduação em filosofia e a renovação do gosto popular por temas éticos, existenciais e por cultura geral.

Mas, o que diz, afinal, a filosofia brasileira? Qual a sua contribuição para, em primeiro lugar, o pensar em geral, o conhecimento e a ética, e, em segundo lugar, qual o diagnóstico que ela oferece sobre a situação do espírito humano em roupagem brasileira?

Paulo Margutti sugere que a pergunta sobre o valor da filosofia do Brasil passa pelo correto entendimento das três mentalidades majoritárias que aqui se encontraram. Para o europeu, o homem é bicho que pensa. De Aristóteles a Nietzsche, de Voltaire e Rousseau a Kant e Schopenhauer, certamente para Hobbes ou Hume, o homem é bicho que pensa, ou que finge que pensa. Para o ameríndio, bem ao contrário, tudo é humanizado, e as plantas e animais revelam traços subjetivos que dão a desconfiar que pensam e sentem, ou quase isso. A cultura africana, vem confirmar essa tendência animista, enfatizando com maior força a dimensão espiritualista da teia da vida.

Este caldo cultural, depois complexificado pela presença de sírio-libaneses, alemães, italianos e japoneses, entre tantos outros, só pôde ser homogeneizado pelo sincretismo religioso de amplo espectro, que fez nascerem formas híbridas de catolicismo, bem como expressões locais de cultos africanos, agora corretamente denominados afro-brasileiros. Tampouco o Espiritismo, que floresceu no Brasil como em nenhum outro lugar, conserva sem mescla seu aspecto Francês original. O protestantismo brasileiro deu à luz tanto variantes da teologia da libertação quanto as igrejas neopentecostais, que traduziram o evangelismo americano para o contexto das nossas especificidades.

Uma vez que as religiões são as metafísicas populares, a cosmovisão e filosofia da cultura em geral, essas metamorfoses, sincretismos e adaptações das religiões brasileiras sugerem fortemente tendências gerais que podem ser lidas como elemento tácito de uma identidade.

Ao tomar posse de uma cadeira na Academia sinto-me também obrigado a dizer algumas poucas palavras sobre minha própria filosofia. Por pretensioso que soe a expressão “minha filosofia”, não chegar a ter uma torna toda essa atividade um grande engodo, e preferível seria que fosse absorvida pela história, como parecem desejar alguns.

Pois bem, minha filosofia tem por base a ênfase sobre o pensamento crítico, que comporta um incômodo cético-racional na forma da eterna suspeita e desconfiança de toda e qualquer proposição ou teoria. O ceticismo educado e domesticado útil ao pensamento crítico nunca chega a ser negacionismo dogmático, sendo antes moderado e

moderador, dando luz a um criticismo onde a autocrítica tem primazia sobre a crítica do outro, a refletir-se num pensamento pautado pela reflexividade e recursividade dialética, metafilosófica, isto é, que pergunta a si mesmo sobre suas origens, fundamentos e condições de possibilidade.

Esse criticismo, portanto, envolve uma autorreflexão sobre a possibilidade e legitimidade do pensamento, e leva em si a preocupação metafísica mais ampla a respeito dessa possibilidade e dessa legitimidade no plano da realidade.

O segundo traço marcante do meu pensamento é a constante preocupação estética, que envolve a noção de que as dimensões teóricas e práticas da vida inevitavelmente envolvem também as modulações que a beleza, o sublime e a graciosidade lhes emprestam. Tenho também denunciado a ligação íntima entre a “morte da estética” e o relativismo crasso, entendendo que no auge da era industrial e moderna não era possível principiar o relativismo irracionalista pelo campo do conhecimento ou da ética. O conhecimento, naquele momento de meados do século XIX era muito associado aos sucessos das ciências e, por isso mesmo, ingenuamente visto como independente da metafísica. A ética, embora também desvinculada de fundamentação metafísica ainda despertava interesses utilitários, fossem jurídicos, econômicos ou políticos, já que desses depende a estabilidade e a própria vida. A estética, no entanto, carecia de semelhantes proteções utilitárias, e o gosto, a dignidade, a elevação e a beleza puderam ser corrompidos sob a alegação de que inúteis, arbitrários e circunstanciais.

Uma vez que nada de prático, de positivo, de produtivo parecia depender dos valores estéticos, suprimi-los como preocupações ilegítimas, aristocráticas ou pequeno burguesas, ou relega-los às flutuações acidentais da vida cultural parecia atitude sem consequências relevantes. Além de denunciar esse erro como impossível de se fundamentar, meus trabalhos também apontam para a objetividade da estética em consonância com a objetividade necessária da própria razão, sobre a qual jazem tanto a ética quanto a ciência. Essa objetividade da estética pode ser flagrada, defendo eu, nas nossas relações cognitivas com as próprias leis naturais, o que tentei mostrar em recente artigo intitulado A racionalidade da beleza.

O terceiro e último aspecto que eu destacaria na minha própria obra e no meu próprio pensamento refere-se ao caráter histórico-cultural da materialidade do espírito. O espírito é uma abstração até o momento em que se mostra e manifesta, e ele só se mostra naquilo que é eminentemente intelectual, moral, estético, religioso, em suma, só se mostra em formas mentais, mas só nas concretizadas materialmente. Ora, o nome que damos para as concreções espirituais palpáveis não é outro senão cultura. A partir dessa percepção revolucionária de Hegel, essa consciência do caráter histórico-cultural do espírito manifesto inspira-nos a interpretar as teses culturalistas tão caras à meditação brasileira à luz das críticas que ambas as teses receberam nas últimas décadas. O pensamento ou espírito humano, sempre estruturalmente o mesmo, acaba por manifestar-se somente e sempre conforme vivências, aspirações, demandas, problemas, contextos e idiosincrasias típicos de cada pessoa e comunidade, desdobrando-se da

percepção temporal e histórica e da maneira vivencial de se elaborar, pensar e expressar, isto é, desdobrando-se como progresso e evolução do espírito.

Termino com as palavras marcantes de Cora Coralina a respeito da esperança no futuro, nos jovens e a respeito do idealismo, do qual depende qualquer progresso na vida.

Ofertas de Aninha (Aos moços)

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.
Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências
do presente.
Aprendi que mais vale lutar
do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.

Cora Coralina